

Psicanálise e arte em Freud segundo Paul Ricoeur: a guerra faz sublimar?
Psychoanalysis and Art in Freud's work according to Paul Ricoeur: Does war sublimate?

Luiz Roberto Monzani¹
Weiny César Freitas Pinto²

¹ Luiz Roberto Monzani é professor Adjunto da Universidade Estadual de Campinas, Brasil e pesquisador do CNPq

² Professor de Filosofia na UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
weiny.freitas@ufms.br

Resumo: O artigo resulta da comunicação apresentada na mesa-redonda *Filosofia, psicanálise e arte* do VI Congresso internacional de filosofia da psicanálise, realizado em Setembro de 2015, na cidade de Vitória – ES, e cujo tema foi *Tempos de guerras atuais*. O texto, manteve o estilo original e preservou o caráter incipiente da análise; isso, de forma precisa, quer dizer que trata-se de um trabalho basicamente descritivo e largamente hipotético. Primeiro, analisa-se o texto de Freud, *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, demonstrando, nas concepções freudianas de desilusão e morte, a existência de um duplo sentido; em seguida, refere-se à análise de Paul Ricoeur sobre a relação da psicanálise com a arte, notadamente, a partir do tema da sublimação, para, então, associando certo caráter operacional do duplo sentido da desilusão e da morte com a teoria da sublimação, propor, finalmente, a hipótese de que a guerra faz sublimar.

Palavras-chave: Psicanálise. Arte. Freud. Ricoeur.

Abstract: The article results from the communication presented in the Round Table *Philosophy, Psychoanalysis and Art* of the VI International Congress of Philosophy of the Psychoanalysis, which was held in September 2015, in the city of Vitória- ES, whose topic was *Current Wartimes*. The text maintained the original style and preserved the incipient character of the analyses precisely, this means that it is about a piece of work basically descriptive and widely hypothetical. First, the text *Thoughts for the times on war and death*, showing within Freudian conceptions of disillusion and death, the existence of a double meaning; next, it refers to the analyses of Paul Ricoeur about the relation of the psychoanalyses with art, notably from the theme of sublimation and then associating certain operational character of double meaning of the disillusion and the death with the theory of sublimation, propose finally, the hypothesis that war does sublimate.

Key words: Psychoanalysis. Art. Freud. Ricoeur.

1. Introdução

Neste momento, em que temos nossa atenção voltada às *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, ocasião especial em que celebramos o centenário de publicação deste texto freudiano (1915-2015), proponho interrogarmos sobre determinada relação que a controversa “psicanálise da arte” poderia estabelecer com o tema geral da guerra. Como costurar a trama da desilusão moral e da mudança da concepção de morte, quando ambas causadas pelo drama de guerra, com o tema da criação estética, do dom do artista, do gênio criativo, enfim, da arte?

Seguindo uma pista da reflexão de Ricoeur sobre a arte na psicanálise, tomo como hipótese que a noção de sublimação, ou mais precisamente, a operação conceitual que esta noção representa, pode contribuir para a compreensão da posição marcadamente realista de Freud diante da guerra.

O problema que orienta, então, a reflexão que pretendo, parte da constatação de que, em *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, Freud adota um tom fortemente realista diante da desilusão e da mudança da concepção de morte que a guerra causa. No que concerne à desilusão, a posição deste realismo aparece particularmente na conclusão geral do texto, na qual Freud a concebe como fruto de uma superestimação que os homens fazem de seus próprios padrões morais³; quanto à mudança da concepção de morte, o realismo freudiano pode ser visto emblematicamente na concordância parafraseada de Freud com o clássico, o qual ele termina o seu texto: “Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte”⁴.

Portanto, quer seja em relação à desilusão, quer seja em relação à concepção de morte, certo tom realista parece predominar nas “reflexões” freudianas. Que este realismo se comporta, operacionalmente, como a teoria da sublimação estética, tal como a vê Ricoeur em Freud, é o que enfim, tentarei demonstrar. Em outros termos, a guerra faz sublimar?

2. O realismo de “Reflexões para tempos de guerra e de morte”

2.1 Sobre a desilusão

Depois de descrever o longo processo histórico de consolidação da vida civilizada e as mais belas aspirações morais e esperanças de paz que essa vida nutria e nutre; ao compará-lo com as barbaridades da situação de guerra que lhe é contemporânea, Freud reconhece como, de direito, o desamparo e desapontamento por ela ocasionados e classifica dois aspectos principais que caracterizam esta grande desilusão do homem civilizado contemporâneo:

É compreensível que o cidadão do mundo civilizado (...) possa permanecer desamparado num mundo que se lhe tornou estranho (...).
Duas coisas nessa guerra despertaram nosso sentimento de desilusão: a baixa moralidade revelada externamente por Estados que, em suas relações internas, se intitulam guardiães dos padrões morais, e a brutalidade demonstrada por indivíduos que, enquanto participantes da mais alta civilização humana, não julgaríamos capazes de tal comportamento.⁵

Mas, o tom realista de sua análise aparece, sobretudo, na crítica que ele faz a esse desapontamento. Embora seja compreensivo o desamparo causado pela guerra, ele é, segundo Freud, injustificável. Esta injustificabilidade se apoia no argumento, segundo o qual,

³ Cf. FREUD, *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, pp. 160-162.

⁴ Cf., *Op. cit.*, p. 170.

⁵ FREUD, *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, p. 157.

esse desapontamento é, na verdade, a destruição de uma ilusão, aquela mesma cultivada pelas altas aspirações morais e esperanças de paz do homem civilizado:

Há, contudo, algo a ser dito como crítica a seu desapontamento. Rigorosamente falando, este não se justifica, pois consiste na destruição de uma ilusão. Acolhemos as ilusões porque nos poupam sentimentos desagradáveis, permitindo-nos em troca gozar de satisfações. Portanto, não devemos reclamar se, repetidas vezes, essas ilusões entrarem em choque com alguma parcela da realidade e se despedaçarem contra ela.⁶

Nesse caso, a desilusão da guerra ganha um duplo sentido, ela é a expressão de um sentimento psicológico, o de desamparo e desapontamento quanto às esperanças e aspirações nutridas; e, ela é também um processo de elaboração psicológica, aquele de se livrar das ilusões às quais se está submetido. Ora, toda a ênfase do ensaio freudiano parece repousar fundamentalmente sobre este aspecto duplo de sua significação; pois, como vimos, 1) a desilusão da guerra é legítima, mas injustificável; além disso, 2) no decorrer do texto, Freud insistirá com certo destaque sobre o caráter singular do desenvolvimento coextensivo da mente, nela, diferentemente do desenvolvimento entre aldeia e cidade, criança e homem, a passagem que se dá, é de outra ordem, sucessão também é coexistência⁷. E, finalmente, 3) Freud tomará a guerra em geral como uma espécie de recapitulação do curso de desenvolvimento individual⁸.

Ou seja, é o duplo sentido da desilusão que parece comandar toda a argumentação freudiana em direção ao seu realismo: ela é legítima, mas injustificável, a natureza coexistente da mente, a guerra como recapitulação...

A conclusão geral é que todo o problema da desilusão se concentra no fato de que os padrões morais da humanidade foram superestimados pelos homens:

Já podemos extrair um consolo desse exame: nossa mortificação e nossa penosa desilusão em virtude do comportamento incivilizado de nossos concidadãos do mundo durante a presente guerra foram injustificadas. Basearam-se numa ilusão a que havíamos cedido. Na realidade, nossos concidadãos não decaíram tanto quanto temíamos porque nunca subiram tanto quanto acreditávamos. (...)⁹

(...) suportaremos com muito maior facilidade o desapontamento que as nações, a coletividade de indivíduos da humanidade, nos causaram, pois nossas exigências em relação a eles devem ser muito mais modestas.¹⁰

⁶ *Loc. cit.*

⁷ *Cf., Op. cit., p. 160.*

⁸ *Cf., Op. cit., p. 162.*

⁹ FREUD, *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, p. 160.

¹⁰ *Op. cit., p. 162.*

2.2 Sobre a mudança da concepção de morte

Esse mesmo tom realista, nós o encontramos em torno da reflexão freudiana a respeito da mudança da concepção de morte. Freud faz a caracterização geral da relação do homem com a morte desde os tempos imemoriais até ao seu presente. A diferença fundamental entre o homem primitivo e o civilizado é que, enquanto o primeiro teria feito todos os esforços no sentido de negação e distanciamento da morte, este último estaria condenado, sobretudo em razão do horror da guerra, a ter que aceitá-la de frente.

Para o homem primitivo, se de um lado, sua própria morte, bem como a de seu inimigo, nada lhe significava, sendo mero acaso, evento fortuito; de outro, foi a morte de pessoas amadas que lhe revelou a face enigmática do morrer. “(...) O homem já não podia manter a morte à distância, pois a havia provado em sua dor pelos mortos (...)”¹¹. Contudo, mesmo experimentando a morte de tão perto, por meio de seus entes mais próximos, a dificuldade em admitir a própria morte persistia; daí em diante, para ser capaz de conceber a sua própria mortalidade, o homem precisou superar a concepção de morte enquanto mero aniquilamento e, aqui, ele demonstrou toda a sua capacidade criativa:

Foi ao lado do cadáver de alguém amado por ele que inventou os espíritos, e seu sentimento de culpa pela satisfação mesclado à sua tristeza transformou esses espíritos recém-nascidos em demônios maus que tinham de ser temidos. As modificações [físicas] acarretadas pela morte lhe sugeriram a divisão do indivíduo em corpo e alma - originalmente várias almas. Dessa maneira, seu encadeamento de pensamento corria paralelo ao processo de desintegração que sobrevém com a morte. Sua persistente lembrança dos mortos tornou-se a base para a suposição de outras formas de existência, fornecendo-lhe a concepção de uma vida que continua após morte aparente.¹²

As implicações disso se expressariam desde a fundação dos primeiros valores éticos à transformação religiosa do futuro após a morte em algo desejável.¹³

Quanto ao homem contemporâneo, civilizado e a sua relação com a morte, segundo Freud, o fato é que muitos dos elementos primitivos se fazem aí presentes, por exemplo, a negação cultural da morte e a busca por sua compensação; o primeiro caso, vê-se claramente na maneira, por vezes, exageradamente escrupulosa com a qual o tema é tratado pelo homem contemporâneo; o segundo, revela-se na busca do domínio da arte (ficção,

¹¹ *Op. cit.*, p. 166.

¹² *Op. cit.*, p. 166.

¹³ Cf., FREUD, *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, pp. 166-167.

literatura e teatro) para a compensação necessária do que se perdeu na vida. Assim é que o tom realista de Freud aparece notadamente quanto à morte:

Ali encontraremos pessoas que sabem morrer - que conseguem inclusive matar alguém. Também só ali pode ser preenchida a condição que possibilita nossa reconciliação com a morte: a saber, que por detrás de todas as vicissitudes da vida devemos ainda ser capazes de preservar intacta uma vida, pois é realmente muito triste que tudo na vida deva ser como num jogo de xadrez, onde um movimento em falso pode forçar-nos a desistir dele, com a diferença, porém, de que não podemos começar uma segunda partida, uma revanche. No domínio da ficção, encontramos a pluralidade de vidas de que necessitamos. Morremos com o herói com o qual nos identificamos; contudo, sobrevivemos a ele, e estamos prontos a morrer novamente, desde que com a mesma segurança, com outro herói.¹⁴

A arte como compensação pelo que se perdeu, mas também como reconciliação da vida com a morte. O surgimento da ideia, segundo a qual, a vida, mesmo dada ao acaso, dever ser preservada. A comparação da vida com um jogo de xadrez sem direito à segunda chance. O recurso à arte, onde morremos com o herói, mas também sobrevivemos para, de novo, morreremos em segurança etc. Tudo isso, enfim, a meu ver, evoca de forma clara o realismo da análise freudiana sobre a morte que é, por fim, coroado pela paráfrase de Freud que encerra o seu ensaio: “Se queres suportar a vida, prepara-te para morte”¹⁵, a ideia da vida enquanto algo que deve ser tolerado, suportado etc.

Aqui, tal como no caso da desilusão, também a questão da morte ganha um duplo sentido; enquanto de um lado, a guerra varre o tratamento convencional da morte, de modo a não mais permitir a sua negação retirando-lhe assim, o seu caráter de acaso, de acontecimento fortuito, mostrando, enfim, a sua face mais realista; de outro, ela também faz com que a morte seja capaz de escapar ao seu próprio realismo. É verdade, dirá Freud, categoricamente, que a guerra nos força a acreditar na morte; mas, não é menos verdadeiro que ele dirá também que nela, na morte, a vida, na realidade, torna-se interessante novamente; recupera seu pleno conteúdo¹⁶.

É portanto, o duplo sentido que a desilusão e a morte ganham face à guerra que nos permite pensar, ou ao menos cogitar, uma relação possível entre guerra e sublimação.

3. A análise de Ricoeur

¹⁴ *Op. cit.*, p. 164.

¹⁵ *Cf.*, *Op. cit.*, p. 170.

¹⁶ *Cf.*, FREUD, *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, p. 164.

Em *Psicanálise e arte*¹⁷, Paul Ricoeur parte do seguinte problema: a crítica generalizada de que a psicanálise reduz a criação artística, de um lado; e, de outro, a hesitação do próprio Freud, também generalizada em toda a sua obra, quanto à abordagem psicanalítica da arte. Ricoeur problematiza a excessiva modéstia, os protestos de incompetência, as confissões de fracasso, enfim, a insistência de Freud em sempre ressaltar os limites da psicanálise aplicada à arte.

A hipótese do filósofo é a de que postura hesitante de Freud seria uma estratégia para reduzir as resistências de um leitor/ouvinte não familiarizado com a psicanálise; pois, Ricoeur acredita que Freud tem uma explicação completa da arte e que, nem a sua hesitação e nem a crítica generalizada de que a psicanálise reduz a criação estética são compatíveis com a “reflexão estética da psicanálise”.

O filósofo apresenta três grandes argumentos para defender sua hipótese e demonstrar a sua tese. Eu os nomearia da seguinte maneira:

a) *Argumento I: argumento do paralelismo entre sonho/sintoma/contos/mitos*, onde a análise ricoeuriana se concentra na *Interpretação dos sonhos* e consiste, basicamente, em mostrar a unidade temática entre obra de arte, sonho e sintoma;

b) *Argumento II: argumento do “espaço fantástico”*, onde a argumentação de Ricoeur se apoia no conceito freudiano de *Phantasieren* e na metapsicologia em geral para demonstrar a implicação mais decisiva do fantástico em Freud para teoria da arte, qual seja, a de que: “(...) A possibilidade de tratar uma obra de arte como um sonho funda-se na possibilidade de substituir um pelo outro. (...)”¹⁸

c) *Argumento III: argumento da “fuga” da criação estética*, no qual consta a explicação ricoeuriana da razão pela qual Freud não se defronta diretamente com o problema da “criação estética”, e, também, a tese do filósofo de que isso não significa que a psicanálise tenha abandonado ou recusado o problema, *vide* o conceito de sublimação.

Para os nossos propósitos, considerarei somente o terceiro argumento do trabalho de Ricoeur.

3.1 A psicanálise e a “fuga” da criação estética

¹⁷ Texto de uma conferência realizada nos EUA em 1974 publicada, dois anos mais tarde, em SMITH, J.H., *Psychiatry and humanities I*. New Haven/London: Yale University Press, p. 3-33. Sua publicação francesa veio somente em 2008, cf. RICOEUR, P. *Écrits et conférences I: autour de la psychanalyse*. Paris: Fonds Ricoeur/Seuil, pp. 221-256. O texto traduzido no Brasil, se deu a partir da edição francesa e foi publicado em 2010, ver, RICOEUR, P. *Escritos e conferências I: em torno da psicanálise*. São Paulo: Loyola, pp. 169-196. Utilizarei nas citações a tradução brasileira com a devida comparação com a versão original.

¹⁸ RICOEUR, *Psicanálise e arte*, p. 186.

Considerando o conjunto da obra do mestre de Viena, Ricoeur admite que não encontra no texto freudiano uma abordagem frontal com o enigma da criação estética. A razão disso, dirá o filósofo, é porque o tema do “dom”, do “gênio”, da “criação” em Freud é, em seu fundo, prioritariamente, teológico e não estético.

Nesse sentido, a criação estética em Freud, segundo Ricoeur, inicialmente concerneria: (...) a uma ideologia dissimulada, cujas expressões culturais privilegiadas dizem respeito à outra esfera cultural distinta da arte, e que Freud precisamente desmascarou em outra parte, em seus escritos acerca da religião. (...).¹⁹

Daí viria, então, toda a resistência da aplicação da psicanálise à arte. Afinal, Freud quebrou o ídolo do artista, figura dissimulada do pai, realizou um assassinato do artista como gênio, como grande homem²⁰. Como, depois disso, falar em arte?

Para Ricoeur, os textos de Freud sobre a arte, a criação estética, a genialidade do artista etc., teriam então o seu protótipo nos textos sobre a religião. Segundo o filósofo, *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização, Moisés e o monoteísmo*, evidenciaram com clareza que o culto do gênio do artista estaria no mesmo estófo pulsional daquele dos gênios religiosos. A diferença é que, o culto da arte corresponde ao estágio narcísico, enquanto o culto à religião, ao estágio objetual, para retomar assim o esquema evolutivo de *Totem e tabu*; e, nesse caso, “(...) Esse paralelismo faria da arte ‘o último bastião do narcisismo’”.²¹

Todavia, se a morte do artista enquanto gênio foi denunciada pela psicanálise e a genialidade artística, transformada, assim, em ideologia; e, se isso é a grande causa das dificuldades em se vislumbrar uma reflexão psicanalítica genuína sobre o “dom artístico”, nada disso, parece a Ricoeur, ser suficiente para evitar que se busque em Freud uma explicação do fenômeno da criação estética: “(...) Eu diria, ao contrário, que levantando a hipótese da ideologia do gênio Freud revela a dificuldade verdadeira, a que concerne ao destino das pulsões no caso da atividade estética. (...)”.²²

E, exatamente seguindo por esta via, Ricoeur orienta a sua reflexão sobre psicanálise e arte para aquele “destino da pulsão” designado de sublimação. O filósofo se apoia, principalmente, no texto *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*, texto, segundo a interpretação ricoeuriana, cujo conteúdo central é, justamente, o problema da criação e do criador.

¹⁹ *Op. cit.*, p. 189.

²⁰ Cf. KOFMAN *apud* RICOEUR, p. 189.

²¹ RICOEUR, *Psicanálise e arte*, p. 190.

²² RICOEUR, *Psicanálise e arte*, p. 190.

É aí que “(...) Freud se choca com os dois enigmas, similares e geminados, da criação e da sublimação. (...)”²³, em resumo, o problema crucial da conversão da libido em energia sublimada:

A sublimação é proposta aqui como um terceiro tipo de destino da investigação sexual infantil na época em que o recalçamento vem encerrar as primeiras tentativas de independência conceitual; ao lado da inibição neurótica e do pensamento obsedante, em que o pensamento é completamente sexualizado, há um terceiro tipo, ‘o mais raro e mais perfeito’: aqui, ‘a libido se subtrai ao recalçamento, se sublima desde a origem em curiosidade intelectual e vem reforçar o instinto de investigação já por si mesmo poderoso’. É essa capacidade de sublimar a maior parte de sua libido em instinto de investigação que faz de Leonardo o ‘modelo de nosso terceiro tipo’.²⁴

Portanto, para Ricoeur, a relação entre essa modalidade de criação em Leonardo e problema geral da sublimação enquanto destino da pulsão esclarece satisfatoriamente que a psicanálise não recusa uma explicação da criação estética. Em tese: “(...) O pincel de Leonardo da Vinci não recria a recordação da mãe, ele o *cria* como obra de arte criando o sorriso segundo Leonardo.”²⁵. Em alguma medida, sublimar é também criar.

Segundo o filósofo, embora Freud tenha explorado muito pouco a sublimação e ela tenha, em grande parte, permanecido um enigma para ele – uma energia deslocada, mas não recalçada – ela parece dizer respeito particularmente a uma aptidão da qual o artista é dotado. E mesmo que a psicanálise reconheça que a essência da realização artística é psicanaliticamente inacessível, como afirma Freud em *Leonardo*, dirá Ricoeur, o filósofo, reconhecendo e refletindo sobre a realidade dos limites da psicanálise descobre que esses limites não são limites fixos, são móveis e ultrapassáveis como a própria investigação.²⁶

4. A guerra faz sublimar?

Se considerarmos que, o que faz Ricoeur em sua leitura da sublimação em Freud é fornecer, ou, ao menos, enfatizar, um segundo sentido deste conceito freudiano, o sentido da criação estética, temos que a sublimação é, então, uma transformação criadora, no sentido propriamente estético do termo, da libido.

Se juntarmos a isso que, em *Reflexões para os tempos de guerra e de morte*, o realismo de Freud se esbarra, como mostramos acima, no duplo sentido em que as concepções

²³ *Op. cit.*, p. 191.

²⁴ *Loc. cit.*

²⁵ *Op. cit.*, p. 194, destaque nosso.

²⁶ *Op. cit.*, pp. 195-196

de desilusão e de morte se encerram, temos que, essas concepções parecem muito ter um comportamento operacional semelhante ao da noção de sublimação sob a pena de Ricoeur, isto é, em nossa análise, tanto a sublimação, quanto a desilusão e a concepção de morte parecem efetivar uma passagem que vai da transformação à criação.

No caso da sublimação, embora controversa, parece estar minimamente claro o caráter propriamente estético dessa passagem; restaria saber, então, se podemos postular para os casos da desilusão e da concepção de morte este mesmo caráter de criação estética. Obviamente, não dispomos neste trabalho de razões consistentes para afirmá-lo, todavia, se sim, aqui seria a própria elaboração racional uma obra de arte e, nesse caso, a guerra teria, então, o poder de fazer a razão sublimar.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1915) Reflexões para os tempos de guerra e morte. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 2015. Disponível em: <<http://www.psicanaliseflorianopolis.com/artigos/147-obras-completas-de-sigmund-freud.html>> Acesso em 15 de agosto de 2015.

RICOEUR, P. Psicanálise e arte. In: **Escritos 1: em torno da psicanálise**. São Paulo: Loyola, 2010, pp. 169-196.

_____. Psychoanalysis and the work of art. In: SMITH, J.H., **Psychiatry and humanities I**. New Haven/London: Yale University Press, 1976, pp. 3-33.

_____. Psychanalyse et art. In: _____. **Écrits et conférences 1: autour de la psychanalyse**. Paris: Fonds Ricoeur/Seuil, 2008, pp. 221-256.